

São Paulo

2009

© 2009 – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte/Universidade de São Paulo

Rua da Reitoria, 109 A

05508-900 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.Fax.: (11) 3091.3327

e-mail: pgeha@usp.br      www.usp.br/pgeha

Depósito Legal – Biblioteca Nacional

ISBN 978-85-7229-637-1



Ficha catalográfica elaborada pela  
Biblioteca Lourival Gomes Machado do  
Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

---

Poéticas da natureza / coordenação geral Katia Canton. São Paulo : PGEHA / Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2009.

Xx p. ; il.

ISBN 978-85-7229-637-1

1. Paisagem na Arte. 2. Teoria da Arte. 3. Crítica de Arte. 4. Artes Plásticas – Brasil  
I. Programa de Pós-Graduação em Estética e História de Arte – USP. II. Canton, Kátia

CDD – 704.9436

---

Capa: Imagens da Exposição *Poéticas da Natureza*,  
sob curadoria de Katia Canton, realizada entre abril e agosto de 2008,  
no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo  
(Parque Ibirapuera)

A presente documentação é um desdobramento do Congresso Poéticas e Políticas da Natureza, realizado nos dias 21 e 22 de agosto de 2008, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, organizado pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo e pelo Centro Mario Schenberg de Documentação da Pesquisa em Artes – ECA USP

## Exposição Poéticas da Natureza

Andrea Alexandra do Amaral Silva e Biella  
Arte-Educadora do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC USP

A Divisão Técnico-científica de Educação e Arte do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo é responsável por programas educativos voltados aos diferentes perfis de público. Na sede Ibirapuera, dentre outros, são realizados o *Interar-te* (para grupos familiares) e o *Encontros Contemporâneos* (encontros com artistas e curadores visando a formação continuada de educadores), além de visitas educativas destinadas aos grupos agendados (planejadas autonomamente pelos profissionais da Divisão). As estratégias e alguns dos resultados dessas atividades programadas para a exposição *Poéticas da Natureza*, sob a responsabilidade da apresentadora do relato, são os objetos deste texto.

A rotina de trabalho para a formação da equipe de educadores e assistentes (bolsistas vinculados a USP e estagiários de faculdades conveniadas à universidade) passa por pontos em comum em todos os programas, em todas as exposições: a primeira etapa é a pesquisa, iniciada no contato com a curadoria em reuniões de produção e acesso aos textos produzidos e indicados. Posteriormente, essa etapa se torna autônoma: a equipe<sup>1</sup> busca referências tanto sobre assuntos que tangenciam a proposta curatorial, quanto partindo das obras expostas, sobre a poética dos artistas.

Para o recebimento dos grupos agendados em visitas educativas, constituídos essencialmente de público proveniente da educação formal básica, foram elaboradas estratégias de “imersão” aos assuntos suscitados pela exposição. Em se tratando da unidade do museu localizada no Parque do Ibirapuera, a equipe determinara que seria importante sensibilizar os visitantes a partir de sua relação com esse local: como é o contato com a natureza em uma cidade como São Paulo: a poluição está distante? Como é a relação do homem com a natureza: ele faz parte dela? É o único a alterá-la? E sobre o parque, ele é

---

1. A participação das estagiárias da USP, Patrícia Deviciente (graduanda em Letras pela FFLCH) e Fernanda Carnevalli (graduanda em Artes Cênicas pela ECA), bolsistas do Programa Bolsa-Trabalho da COSEAS entre agosto de 2007 e julho de 2008, foi essencial para o desenvolvimento das estratégias educativas destinadas aos grupos agendados. Com o auxílio de Anderson Tobita, integrante da equipe da Biblioteca do MAC-USP, ambas as estagiárias realizaram pesquisa sobre os artistas dessa exposição, que alimentou os três programas citados neste relato de experiência.

natural ou foi construído? Na abordagem desses assuntos com os visitantes, a história do Parque do Ibirapuera e alguns de seus aspectos atuais foram considerados.

Em uma das propostas de atividade durante a visita, destinada aos adolescentes e adultos,<sup>2</sup> o grupo iniciava essa conversa introdutória no próprio gramado do parque, onde questões sobre representações de natureza, o gênero “paisagem” e meio ambiente eram discutidas, pontos de partida para uma observação *in loco* do Córrego do Sapateiro, próximo ao museu, e que, mesmo localizado nesse “oásis” urbano, apresenta visíveis sinais de poluição. Seguindo as estratégias elaboradas para esse público, a visita à exposição era o próximo momento, com diálogos motivados pelo educador no intuito de levar o grupo a observar e apontar elementos que considerava relevantes a partir de suas referências e interesses. Embora tendo preparado a abordagem de algumas obras específicas durante a visita, devido ao interesse do público, outras entravam ou saíam desse plano previamente estabelecido pelo educador. Ao final, o grupo era convidado a propor um projeto de intervenção artística ao córrego visitado, a partir de desenhos e/ou anotações sobre uma cópia impressa de uma imagem do local. Muitos participantes lembraram-se de córregos poluídos perto de suas residências, mostrando conseguirem transpor a reflexão para seu cotidiano, além de, com essa atividade, experienciarem processos de produção de arte contemporânea conhecidos na exposição, dado que algumas obras apresentavam registros de ações realizadas diretamente no meio ambiente, que certamente prescindiram de projetos antes de sua finalização.

Foram planejadas outras três atividades, que seriam escolhidas para uma ou outra visita de acordo com o perfil dos integrantes. Porém, na prática, foram realizadas duas dessas propostas,<sup>3</sup> a já relatada e uma outra, destinada aos grupos de crianças até aproximadamente o correspondente ao Ensino Fundamental I. Esse dado mostra a flexibilidade do planejamento: é justamente a partir de um leque de possibilidades preparadas que a equipe seleciona o que considera mais adequado para cada grupo, de acordo com a realidade que vai se configurando no decorrer da exposição.

Essas atividades, embora motivadas pelas poéticas de alguns artistas, são estratégias que facilitam a compreensão de procedimentos da arte contemporânea em geral. A experimentação, pontualmente planejada e selecionada, é considerada essencial para o entendimento de certos aspectos de algumas obras; quando da discussão diante delas próprias, estimulada pela observação e levantamento de interpretações pelos participantes, ela enriquece a relação com o objeto artístico com exercícios em uma linguagem mais próxima da contida em sua concepção: a plástico-visual.

Cabe ao museu propiciar experimentações além do contato com a obra original? Deve que a fruição demanda do público um tempo desacelerado e reflexivo diante da obra, que favoreça a elaboração de questões a partir do que observa e percebe, tanto sobre o que

2. Houve agendamento de grupos de professores e demais funcionários de uma EMEI, por exemplo.

3. As atividades foram realizadas tanto no ateliê do museu quanto no próprio espaço expositivo.

compreende como sobre o que não compreende, buscando associar as informações desse contato às suas experiências e referências anteriores, as estratégias da visita preparam-no para a imersão nesse tempo, que muitas vezes não lhe é habitual no cotidiano por diversos fatores. Essa estratégia não reduz o tempo de contato com as obras, pois em uma visita agendada são discutidos no máximo cinco a seis trabalhos, independente da linha metodológica em educação em museu de arte a partir da qual o educador responsável por ela estrutura suas ações. As atividades são estratégias complementares à visita, no intuito de potencializar essa experiência e, conseqüentemente, a qualidade de sua relação com a obra de arte que ali lhe é apresentada, com todo o contexto museológico e museográfico no qual está inserida.

As obras de Vigotski, Dewey e Paulo Freire são importantes referências ao desenvolvimento do trabalho educativo onde a experiência e a construção do conhecimento são a estrutura de um processo democrático. O educador é parte desse grupo com o qual interage como mediador, e dele são esperadas intervenções pontuais e motivação à reflexão a partir de objetos (no caso dos museus), porém de modo a permitir que aflorem, nas discussões entre todos os sujeitos, relações não planejadas por ele. Sem a pretensão de aprofundar conceitos, cabe nesse momento retomar Paulo Freire que, de modo inesperado, pôde ser literalmente revisitado – posteriormente à criação das estratégias para as visitas à exposição *Poéticas da Natureza*, relendo Freire (1996, p. 30), encontramos:

*(...) Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Essa pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz. É pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia.*

Retomando o foco da visita ao museu, que consiste do contato com as obras originais: para levar o grupo a discutir e expressar suas opiniões diante dos trabalhos, o educador parte de algumas questões para iniciar um diálogo. Porém, não há uma única proposta educativa que norteie a estrutura que está por trás dessas questões - a diversidade de aspectos abordados varia de acordo com a especificidade das exposições e das próprias obras. Para estimular o grupo a falar, sem direcionar seu olhar, uma das estratégias utilizadas por Abigail Housen em suas pesquisas da década de 1980, nos Estados Unidos, sobre como o público se relaciona com uma obra é muito eficiente, ao perguntar-lhes: “o que você está vendo?”. Optando por direcionar a conversa para uma ou mais das camadas de significados e aspectos da obra, sejam de cunho sócio-histórico-cultural ou estrutural-formal, a proposta de Robert Ott, intitulada *Image Watching*, pode ser uma referência. Todas essas possibilidades de abordagem de uma obra, no intuito de promover um debate significativo ao grupo, e mesmo de desdobramentos tanto na visita como depois dela, momento que pode ser ricamente explorado pelos

professores, que determinaram a escolha da visita em grupo a “essa e não àquela exposição”, podem ser subsidiados pelo trabalho não só de Ott, como de Ana Mae Barbosa, com especial referência à Abordagem Triangular, cujo título foi revisto de modo contundente pela autora em 2005 ao escrever<sup>4</sup> que trocaria a metáfora do triângulo pela do zigue-zague, referindo-se ao contexto, que permeia todas as instâncias do ensino de arte, sejam mais relacionadas a produção (fazer) ou a fruição (ler produções). Em nossa prática no MAC-USP optamos pela apropriação de aspectos dessas abordagens metodológicas, pelo uso simultâneo de várias delas de acordo com o caráter da obra em exposição, mais do que a filiação a uma ou outra, o que pode ser justificado por essas palavras de Michael Parsons:

*A visão contemporânea, em contraste, entende que uma obra de arte pode ser constituída por dois tipos de coisas: por suas qualidades estritamente estéticas e por um conhecimento de seu contexto. Além disso, esses dois tipos de fatores não são independentes, mas trabalham em íntima interação entre eles. Uma obra de arte, sob o ponto de vista contemporâneo, é mais um objeto simbólico do que puramente estético, cuja interpretação depende em parte do que pode ser visto em si e em parte do contexto cultural. A interação do que pode ser visto e um conhecimento do contexto acontece na interpretação; e uma resposta adequada para uma obra de arte, podemos dizer, requer interpretação ao invés de apenas percepção. A interpretação inclui a percepção, mas vai além.<sup>5</sup>*

Tratando agora dos programas destinados aos outros perfis de público: no programa Interar-te<sup>6</sup> foram promovidas quatro sessões durante essa exposição, a partir das obras de Leda Catunda (*Rio e Mata*, 2000), Christophe Spoto (*Romã*, 2008), Regina Carmona – série *Filos (os filamentos entre o céu e a terra)* 2007, e *To Bollo (Isto Era)*, 2007) e Renata Barros (*A Coisa Aqui Tá Preta*, 2008). As três últimas sessões foram especiais: esse é o nome dado quando o próprio artista apresenta sua obra na exposição e propõe oficina para os grupos familiares, público-alvo do programa – um privilégio em relação ao número de artistas convidados em outras exposições. Proporcionar encontros entre artistas e o público não especializado tem sido motivador do contato com a arte contemporânea – ambos relatam a importância da experiência, quando muitas vezes são desfeitos alguns mitos: o artista apresenta sua trajetória, porém fala do modo como concilia produção artística e vida cotidiana.

4. Essa reflexão de Ana Mae Barbosa consta de seu texto de apresentação do material educativo “Diálogo e Reflexões com Educadores”, produzido pela Arteducação Produções, sobre exposição de Mary Vieira realizada em 2005 no Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo.

5. PARSONS, M. Mudando direções na arte-educação contemporânea. In: A COMPREENSÃO E O PRAZER DA ARTE, V Encontro – Compreender a Arte: um ato de cognição verbal e visual, 1999, São Paulo. Disponível em: [http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/arte/text\\_5.htm](http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/arte/text_5.htm). Acesso em: 10 de maio de 2008.

6. Iniciado em outubro de 2006, o Interar-te é um programa mensal que tem como objetivo integrar as famílias a partir de atividades motivadas pelas exposições em cartaz no museu, em sua sede no Parque do Ibirapuera. Para acompanhar a programação consulte, no site do Museu, os links: PROJETOS e EVENTOS.

tornando a relação arte e vida próxima do espectador. Além do mais, a oportunidade do público em ouvir sobre arte a partir de referências compartilhadas na vida contemporânea, os tem levado a se interessarem pela produção de seu tempo mais facilmente; muitas vezes, em princípio, essa produção ainda é questionada quanto à sua validade artística: a famosa pergunta “isto é arte?” ainda persiste.

Atividades para professores foram realizadas no programa Encontros Contemporâneos, que tem como objetivo estreitar a proximidade entre educadores e artistas ou curadores. Houve três sessões do programa: uma conduzida pela curadora, Profa. Dra. Katia Canton, que apresentou a exposição aos professores em visita ao espaço expositivo, seguida de oficina com a educadora do MAC-USP, Ms. Maria Ângela Serri Francoio, coordenadora do programa Acervo: Roteiros de Visita,<sup>7</sup> e outras duas com os artistas Christophe Spoto e Regina Carmona, que apresentaram sua trajetória, a obra na exposição e ministraram oficina no ateliê do museu.

Sobre essa experiência vale ressaltar que os diálogos entre artistas, curadores e o público, além dos objetivos específicos dos programas Interar-te e Encontros Contemporâneos, têm sido de suma importância, dada a troca de experiências entre produtores e fruidores de arte. Em um museu de arte contemporânea, público e universitário, esse privilégio torna-se quase uma premissa básica de formação e educação em arte que aproxima, além dos pesquisadores e especialistas, a comunidade em geral das reflexões sobre a produção cultural da época na qual vive.

## Referências

- BARBOSA, A.M.T.B. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, M.; PADILHA, P.R.; CABEZUDO, A. (orgs.). *Cidade educadora: princípios e experiências*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Buenos Aires: Ciudades Educadoras America Latina, 2004.
- IABELBERG, R. *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- OTT, R.W. Ensinando Crítica nos Museus. In: BARBOSA, A.M.T.B. (org.) *Arte-Educação: leitura no subsolo*. 2. ed. revista. São Paulo: Cortez, 1999.
- PARSONS, M. Mudando direções na arte-educação contemporânea. In: A COMPREENSÃO E O PRAZER DA ARTE - V Encontro - Compreender a Arte: um ato de cognição verbal e visual. São Paulo. 1999. Disponível em: [http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/arte/text\\_5.htm](http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/arte/text_5.htm). Acesso em: 10 mai. 2008.
- PILLAR, A.D. (org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

7. O programa Acervo: Roteiros de Visita, que consta de material didático para educadores sobre 50 obras da coleção do MAC-USP e de curso de formação continuada, pode ser consultado no site: [www.mac.usp.br](http://www.mac.usp.br).